

**FUNDAMENTOS  
HERMENÊUTICOS  
PARA UMA EDUCAÇÃO  
CRÍTICA E DIALÓGICA**

PAULO FREIRE  
&  
HANS-GEORG GADAMER

*Jungley Torres*





## SUMÁRIO

PREFÁCIO (I)	5
PREFÁCIO (II)	9
PRELÚDIO	13
PARTE I	
PAULO FREIRE:	
Educação como práxis dialógica e libertadora	17
PARTE II	
HANS-GEORG GADAMER:	
Contribuições à filosofia da educação e à educação em filosofia	41
PARTE III	
ENCONTRO DE SABERES:	
confluências da hermenêutica filosófica e da pedagogia libertadora	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	71



## PREFÁCIO (1)

É com prazer que prefacio este livro porque seu título espelha aquilo que considero a espinha dorsal da Filosofia corporificada na Hermenêutica Filosófica de Hans-Georg Gadamer, a saber: uma proposição dialógica. A prática filosófica nasceu do esforço de compreensão da realidade sob a perspectiva da universalidade e, embora a filosofia não tenha por tarefa precípua a compreensão específica de temas que cabem às suas respectivas áreas de conhecimento, ela tem por vocação o exercício de compreensão do todo pelo logos, pela palavra, pelo diálogo, cujo fim é mais almejado que efetivado definitivamente.

Hermes, aquele que faz pontes entre mundos distintos, corporifica o exercício de relacionar realidades mediante seu movimento incessante de ir e vir entre palavra e conceito, dados da realidade e sua expressão em palavras, próprio da prática dialógica. Ora, considero apropriada e oportuna a proposta do jovem Jungley de relacionar e aproximar duas áreas do

conhecimento: Filosofia e Educação, a partir de Gadamer e Paulo Freire. Na verdade, seu labor consiste mais em explicitar a proximidade existente entre ambos, pois que, de fato, partem de premissas e almejam fins similares.

Considero de grande valia seu texto por mostrar a tarefa crítica de uma compreensão da educação atualmente pautada, no geral, pelo modelo utilitário e asséptico da realidade, repetindo conceitos e práticas desvinculadas da realidade social e política. Estou de acordo que tanto Gadamer quanto Freire reforçam um modelo de educação que nos leve a tomar consciência efetiva da realidade, e propor ações que nos libertem de círculos viciosos que nos alienam e reforçam a destruição do nosso planeta.

Gadamer, considerado o Sócrates contemporâneo, fundamentou sua filosofia na tradição dialógico socrático-platônica, reiterando a construção de uma consciência que nos liberte das imagens projetadas na caverna da nossa realidade cuja prática dialógica seria caminho efetivo para transformação. Partindo do modelo de educação bancária, Freire, na mesma linha, argumentou que “não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo, por isso, é dialógico (Freire, 2015b, p. 39)”. Parabenizo o autor por se ater, pois, a esta costura, tão necessária para nossos dias nos seus mais diversos âmbitos.

Diante da nossa realidade, em muitos âmbitos, extremamente polarizada com suas nefastas implicações éticas, sociais, políticas, é salutar e necessário nos apropriarmos de

propostas pedagógicas costuradas com os fios do diálogo. Com isso, não apenas alargamos nossa forma de ver o mundo, mas construímos caminhos inclusivos, democráticos e sustentáveis. Nos termos de Gadamer, conforme retoma Jungley, “o diálogo requer não abafar o outro com argumentos, mas, pelo contrário, sopesar realmente o peso objetivo da opinião contrária. Por isso, é uma arte do ir experimentando (Gadamer, 1999, p. 541)”.

Enfim, o autor nos brinda um texto que nos convida ao diálogo a ser levado adiante, seja no interior da própria filosofia, seja da educação. Urge aprimorarmos essa arte nobre do diálogo cujo escopo, além de criar pontes, é aprendermos a considerar e levar em conta, também, “as razões e os argumentos dos outros”<sup>1</sup>, afinal de contas, humanos, nossos projetos são sempre marcados com o selo da finitude. Acredito que o espírito dialógico que tece a obra de Gadamer e de Freire pode também nos vacinar contra o vírus do fascismo, do negacionismo científico-climático, do populismo político que destrói nossas possibilidades de sermos livres e felizes. E é neste espírito que recomendo a leitura deste texto.

*Prof. Dr. Luiz Rohden<sup>2</sup>*

*São Leopoldo 31 de julho de 2025*

- 1 ROHDEN, LUIZ. “O outro também pode ter razão - para além de ele ter apenas seus direitos reconhecidos”. KRITERION. v.148, p.259 - 276, 2021.
- 2 Decano da Escola de Humanidades da UNISINOS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNISINOS. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000), com pós-doutorado realizado na Penn State University, EUA (2015).



## PREFÁCIO (II)

Quando o amigo querido, Jungley Torres, me pediu para prefaciar o seu livro, senti uma alegria redobrada. Primeiro, por ver frutificar o encontro de sua prática como educador com seus estudos filosóficos; e, segundo, pelo conteúdo mesmo da obra: a apresentação, fundamentação e justificação da sua proposta de uma Educação Dialógica, ancorada na confluência dos pensamentos vigorosos de Hans-Georg Gadamer e Paulo Freire.

Conheci Jungley Torres no início de seus estudos sobre a Hermenêutica Filosófica, em 2019. Naquela época, eu já havia concluído há mais de uma década o meu doutorado sobre Gadamer e me dedicava ao privilégio de ser uma educadora-aprendiz de crianças e jovens. Ainda lia o estimado filósofo, porém em esparsos monólogos sem interlocução. Assim, foi um precioso presente da vida quando um jovem educado e culto, interessado em compreender a Hermenêutica Filosófica, me procurou para uma conversa. Combinamos um café em uma boa padaria e

conversamos por horas sobre o pensamento de Gadamer. Um diálogo que continuou ao longo de anos, nos quais trocávamos livros e artigos, reelaborávamos conceitos e refletíamos sobre a concepção de mundo e vida do filósofo. Costumávamos dizer que nossos “cafés filosóficos” eram mais do que um diálogo sobre Gadamer; era um diálogo com Gadamer, pois ele estava presente como um interlocutor ouvido e acolhido em suas razões.

Na vivência dessa bela amizade, acompanhei a seriedade dos seus estudos filosóficos sobre o pensamento de Gadamer e a profundidade existencial com que ele acolheu a hermenêutica como filosofia prática. Uma prática que, além de buscar o saber, pretende também promover esse bem. Como educador, responsável e atento aos sintomas sociais contemporâneos, Jungley Torres abraça a Pedagogia Libertadora, de Paulo Freire, compreendida em sua dimensão política e social transformadora.

Da convergência fecunda desses saberes nasce a auspiciosa proposta da Educação Dialógica apresentada neste livro. Seu ponto de partida é a conscientização crítica do modelo sociopolítico vigente e das suas mazelas por priorizar o acúmulo de capital. Sua análise da problemática delinea os sintomas sociais e reconhece que os desafios contemporâneos enfrentados no âmbito da formação humana só podem ser superados com a construção de novos modos de conviver; com a mudança dos formatos tradicionais de ensino; com o despier de velhos hábitos de pensamento.

O autor nos propõe uma educação factível, democrática e inclusiva, realizada em um contínuo processo de aprimoramento humano coletivo. Uma educação que entende o diálogo como lugar de partilha de saberes entre educador e educando. Um educador que, além de seu próprio saber, se sabe como um aprendiz perante a presença genuína e única de cada educando. Uma prática educacional que elege o diálogo como lugar possibilitador de uma real transformação social, onde educador e educando se educam em comunhão; participando ativamente na cocriação e reinterpretação da realidade.

A Educação Dialógica resgata a valorização simbólica da carreira docente, enriquece a fundamentação filosófica e científica da teoria educacional e contribui para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e fraterna.

*Profª. Dra. Ana Maria Zinsly<sup>3</sup>*  
*São Paulo, 12 de maio de 2025*

3 Formação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma) e Doutorado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (2008).



## PRELÚDIO

No mundo contemporâneo, a educação tem sido profundamente moldada pelas forças do neoliberalismo, que impõem novas exigências ao ser humano em diversos âmbitos, especialmente no campo da educação e do trabalho. A lógica neoliberal, ao enfatizar a flexibilidade, o dinamismo e a proatividade na tomada de decisões requer do educando e do trabalhador uma transformação em seu modo de ser, visando adaptá-los às pressões de uma economia global que exige constante competição. Nesse cenário, a educação tem o potencial de transcender o simples processo de aquisição de conhecimento e oferecer um espaço para a formação integral do ser humano. Ela deve proporcionar as condições necessárias para que os indivíduos não apenas sobrevivam, mas também se reinventem e transformem sua realidade em um ambiente cada vez mais exigente e volátil.

É nesse âmbito que se torna fundamental o encontro/diálogo entre as concepções de educação de Paulo Freire e

Hans-Georg Gadamer, dois pensadores que, embora oriundos de tradições teóricas distintas, convergem na valorização do diálogo, da historicidade e da linguagem como elementos centrais na formação e transformação humana. Para Freire, a educação é um processo libertador, em que o diálogo é, por excelência, uma práxis pedagógica para a conscientização e a transformação social. Gadamer, por sua vez, ao desenvolver sua hermenêutica filosófica, destaca a importância do diálogo como fundamento para a compreensão e a construção de sentido no mundo.

Ambos os pensadores compartilham a visão de que o ser humano é um ser histórico, inserido em um contexto cultural e social que o molda e, ao mesmo tempo, é moldado por ele. A linguagem, nessa perspectiva, não é apenas um meio de comunicação, mas o próprio *meio* através do qual nos constatamos seres históricos e compreendemos a realidade que nos cerca. No encontro de saberes entre Gadamer e Freire, emerge uma concepção de educação que não se limita à transmissão de conteúdos, mas que se realiza na interação dialógica, na construção conjunta de significado e na formação de sujeitos capazes de atuar criticamente no mundo.

Portanto, este livro busca explorar as contribuições desses dois renomados pensadores para a construção de uma educação dialógica, ancorada na historicidade, no diálogo como via emancipatória e na linguagem como centro vital da experiência, da compreensão e da transformação do ser-humano-no-mundo. À vista disso, em um cenário tensionado pelas pressões do

neoliberalismo, que tende a reduzir a educação à lógica do mercado e a instrumentalizar o saber, a perspectiva dialógica delineada por Freire e Gadamer afirma-se como um caminho para a (trans)formação e de sujeitos críticos, conscientes de sua historicidade e capazes de, na potencialidade da linguagem em ser diálogo, compreender e transformar a realidade em que estão inseridos.



*PARTE I*

PAULO FREIRE:

EDUCAÇÃO COMO PRÁXIS DIALÓGICA E LIBERTADORA

Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo, por isso, é dialógico (Freire, 2015b, p. 39).

A educação, entendida como um processo de formação crítica, transcende a mera transmissão de conteúdos, assumindo uma dimensão política e social transformadora. Nesse sentido, a partir de Paulo Freire, Moacir Gadotti (1991, p. 40) ressalta que “saber ler e escrever torna-se instrumento de luta, atividade social e política”. Neste âmbito, a alfabetização não se limita ao domínio técnico da leitura e escrita, mas se constitui como um meio para a conscientização e a emancipação dos indivíduos. O objetivo desta práxis pedagógica é ser libertadora, na qual o educando se torna